

## INTEGRAÇÃO ENSINO E PESQUISA NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.

Sarlene Gomes de Souza; Thaidys Da Conceição Lima do Monte; Samara Moura Barreto de Abreu; Silvia Maria Nóbrega-Therrien.

Universidade Estadual do Ceará. [sarlenedesouza@gmail.com](mailto:sarlenedesouza@gmail.com)

**Resumo do artigo:** Espera-se que a formação universitária esteja pautada no tripé ensino, pesquisa e extensão. No entanto, a nível curricular há uma predominância do ensino em detrimento da pesquisa e extensão. Na graduação, a pesquisa comumente está presente em ambientes extracurriculares e de modo incipiente. Entendemos que estudos acerca dos currículos universitários elevam o campo pois, proporcionam análises críticas e conseqüentemente melhorias nos currículos, também contribuindo para a melhora da formação a nível de graduação. O objetivo desse estudo foi compreender como se dá a integração do ensino e pesquisa presentes nos currículos de cursos de graduação das universidades brasileiras. Realizamos uma revisão de literatura do tipo revisão integrativa na base de dados da Scientific Electronic Library Online – SciELO Brasil. Utilizamos como critérios de inclusão artigos que estivessem dentro do recorte temporal delimitado até junho de 2016, também optamos por artigos que estivessem escritos em língua portuguesa. Para o processo de busca foram utilizados a combinação de descritores: *ensino e pesquisa, pesquisa e currículo*. Foram selecionados sete artigos que preenchiam os critérios de inclusão, a amostra foi categorizada para então ser analisada criticamente e por fim, elaborada uma síntese dos estudos que compuseram nossa amostra. Concluímos que a discussão sobre a integração do ensino e pesquisa está presente em estudos do campo da saúde, pois, não foram encontrados em nossa busca estudos dos demais campos. Por meio da nossa revisão integrativa evidenciamos que a integração ensino e pesquisa é quase inexistente na graduação, e que a sua utilização nos cursos de graduação requer o interesse do professor, pois se o mesmo não efetua a pesquisa de modo curricular ou extracurricular, ela não existirá.

**Palavras-chave:** Ensino e pesquisa, pesquisa na graduação, currículo.

A valorização no ensino superior de uma formação predominantemente profissionalizante e descontextualizada que vemos hoje é fruto de um modelo que visava o desenvolvimento do país de forma rápida e de baixo custo. A era Vargas (1930 - 1945) foi marcada pela expansão do ensino, especialmente o setor privado. Vicentini e Lugli (2009) apontam a precariedade que se deu essa expansão nos cursos de pedagogia. Professores malformados, oriundos de escolas normais, e turmas numerosas, o que comprometia a qualidade do ensino.

Nesse cenário de precariedade, na década de 60, o movimento estudantil emerge com uma série de reivindicações. Buscavam a autonomia das universidades junto ao governo e bem como demarcar a atuação das universidades na formação dos profissionais. O regime de cátedra era contestado pois o viam como um entrave ao desenvolvimento científico, cultural e tecnológico. E o movimento estudantil foi fundamental na mudança desse cenário, lutaram pela abolição das cátedras e indicaram “[...] a criação

dos departamentos, inspirados no modelo norte americano, idealizados como possibilidades de práticas universitárias que integrassem ensino, pesquisa e extensão” (FREITAS E BICCAS, 2009, p. 267).

Essa série de reivindicações e lutas culminou com a reforma universitária de 1968. Em novembro de 1968 foi promulgada a lei nº 5.540 que modificou a estrutura do ensino superior brasileiro. Em especial para nosso estudo, salientamos a inclusão da pesquisa científica como atividade indissociável na formação do profissional. Isso já significou um avanço e uma possibilidade de formação mais integral, no entanto, permaneceu a tendência ao ensino descontextualizado ao tripé ensino, pesquisa e extensão. A possibilidade de desenvolvimento gerada por pesquisas e novas tecnologias foi se encaminhando para a pós-graduação, que contava com investimento financeiro pelo governo militar (FREITAS E BICCAS, 2009).

A alteração da estrutura curricular dos cursos de graduação viria com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Sabemos que a alteração/criação de uma lei não garante a plena execução da mesma, porém, uma vez garantida a flexibilidade para execução, “[...] as faculdades buscam, mesmo que de forma discreta, projetos pedagógicos voltados para a formação de um profissional mais engajado com a ciência e com os problemas sociais” (MALTAGLIATI, GOLDENBERG, 2007, p.1336).

Essa nova reconfiguração dos currículos nos cursos de graduação gerou muitas possibilidades de mudanças, as intencionalidades, as finalidades e a própria organização curricular estava a cargo dos programas. Porém, se imaginarmos que não há consenso até nos estudiosos das teorias do currículo com relação a sua definição e finalidade pensemos então, nas variações que essa flexibilização curricular ocasionou nas universidades. Pacheco (2005) nos diz que qualquer tentativa de definição do currículo é uma tarefa árdua, pois se gera respostas conflitantes, variantes a partir da visão do sujeito. Mas, esses constantes debates em torno do pensamento curricular eleva o campo teórico, afinal, é alvo de constante problematização. Dessa forma, o currículo caminhou de uma concepção resumida ao plano de instrução a uma concepção ampla direcionada a um projeto de formação.

Contudo, Sacristán (2000) assinala para a possibilidade de reformas qualitativas na educação centradas no currículo. Por dois aspectos: Primeiro porque os conteúdos e formas do que será instruído está diretamente relacionado com a qualidade do ensino. Segundo, porque os profissionais da educação diante da impossibilidade de mudanças estruturais nos sistemas educativos recorrem a sutileza de pequenas ações

práticas no dia a dia. “É difícil mudar a estrutura, e é inútil fazê-lo sem alterar profundamente seus conteúdos e seus ritos internos” (SACRISTÁN, 2000, P.09).

Dessa forma, buscamos compreender como se dá a integração do ensino e pesquisa presentes nos currículos de cursos de graduação das nossas universidades. O que temos pesquisado sobre essa temática? Através de uma revisão integrativa buscamos apresentar um recorte do que se pesquisou sobre a pesquisa inserida no contexto do ensino nos cursos de graduação.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa. Para a elaboração da revisão integrativa seguimos um criterioso modelo de execução a fim de sintetizarmos com maior riqueza as publicações e resultados realizados nas pesquisas. Para Mendes, Silveira e Galvão (2008) a revisão integrativa é realizada através da execução de seis etapas, são elas: 1) identificação do tema ou pergunta norteadora de pesquisa; 2) estabelecimento dos critérios de inclusão de estudos e seleção da amostragem; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos, categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão / síntese do estudo.

Partimos da seguinte pergunta norteadora: qual a integração da pesquisa ao ensino evidenciada nos currículos dos cursos de graduação reveladas nos artigos publicados até o ano de 2016? Buscamos artigos que estivessem indexados à base de dados da Scientific Electronic Library Online – **SciELO**, a busca foi efetuada no mês de junho de 2016.

Seriam incluídos artigos na língua portuguesa que estivessem presentes na base de dados da SciELO disponibilizados até o final do mês de junho/2016. Para a realização da busca utilizamos os descritores: *ensino e pesquisa, pesquisa, currículo*. Foram utilizados isolados e combinados através do operador booleano *AND*.

A partir dessa busca tivemos como resultado 35 artigos (trinta e cinco). Ao analisar os títulos e resumos das publicações, vimos que 9 (nove) tinham relação com nosso objeto de investigação, pois traziam como temática central a integração ensino e pesquisa evidenciados no âmbito curricular dos cursos de graduação. De posse desses nove artigos efetuamos uma leitura minuciosa e por não ter relação com o objeto de estudo excluímos mais dois artigos.

Assim, nossa amostra final é composta por sete artigos (n=7) publicados em periódicos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, apresentamos um quadro síntese contendo informações acerca do nome dos autores, ano de publicação do artigo, local de publicação, área do estudo, local de pesquisa e objetivos propostos. Conforme quadro a seguir:

AUTOR	ANO	LOCAL DA PUBLICAÇÃO	AREA	LOCAL DO ESTUDO	OBJETIVO
Silke WEBER	1985	Brasília	Psicologia	Universidade Federal Pernambuco	Realizado antes da flexibilização curricular, sinalizava sobre a necessidade de currículos mais integrados. Propõe nova regulamentação dos cursos de psicologia, e a inserção da pesquisa integrada ao ensino.
Zeneide SOUBHIA; Márcia Caron RUFFINO; Elma Mathias DESSUNTI.	2005	Ribeirão Preto	Enfermagem	Universidade Estadual de Londrina	O curso passou por cinco reformas curriculares no decorrer de sua criação. A quarta alteração já tinha a intenção de formação mais holística do enfermeiro. E com a quinta alterações, implantaram o chamado currículo integrado, que consistia no fim da divisão por conteúdos e utilização do aprendizado baseado em problemas. Compara a produção escrita (relatório) de alunos de dois modelos de currículo da universidade.
Luciana Ávila MALTAGLIATI; Paulete GOLDENBERG.	2007	Rio De Janeiro	Odontologia	Nacional	Apanhado histórico de como a pesquisa surgiu no cenário brasileiro universitário. Reforma universitária. Flexibilização das diretrizes curriculares na inserção da pesquisa.
Neilton Araújo de OLIVEIRA; Luiz Anastácio ALVES; Maurício Roberto LUZ.	2008	Rio De Janeiro	Medicina	Alagoas/Goiás/Rio Grande do Sul/Rio de Janeiro (3)	Verificaram seis escolas médicas de quatro estados brasileiros se havia a existência de iniciação científica. Se alunos participavam dessa modalidade e o motivo para que não participassem.
Luciana Ávila MALTAGLIATI; Paulete GOLDENBERG.	2011	São Paulo	Odontologia	Rio De Janeiro	Analisaram como a pesquisa está incorporada ao currículo. Através de análise de documentos oficiais e entrevistas com coordenadores dos cursos.

Hermila Tavares Vilar GUEDES; Jorge Carvalho GUEDES.	2012	Rio De Janeiro	Medicina	Bahia	No curso de medicina foi implementado um modelo curricular que introduziu a pesquisa científica como atividade integrante da formação profissional. Foi realizado um estudo questionando os alunos sobre assuntos que permeiam a elaboração de trabalho de conclusão de curso através de abordagens quantitativa e qualitativa.
Pedro Mansueto Melo SOUZA; Camila Almada NUNES; Clarice Santiago SILVEIRA; Sílvia Maria NÓBREGA-THERRIEN	2012	Rio De Janeiro	Medicina	Universidade Estadual do Ceará	Analisa os professores que desenvolvem atividades de pesquisa integradas às didáticas no curso de medicina. Através de uma análise documental traçaram o perfil desses docentes.

Dos nossos sete artigos encontrados, vemos, quanto ao local de publicação, que há predominância de cidades do sudeste do país, sendo: de Ribeirão Preto (n=1), de São Paulo (n=1), do Rio de Janeiro (n=4) e de Brasília (n=1), centro-oeste do país. Com relação aos locais dos sujeitos pesquisados, vemos uma maior distribuição no país. Pesquisas nas regiões nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco; Centro oeste: Goiás; Sudeste: Rio de Janeiro; Sul: Rio Grande do Sul e Londrina.

Com relação ao ano de publicação encontramos o seguinte resultado: publicações de 1985 (n=1), de 2005 (n=1), de 2007 (n=1), de 2008 (n=1), de 2011 (n=1) e de 2012 (n=2). O trabalho mais antigo, de 1985, foi realizado antes da flexibilização curricular proposta pela LDB 9496/96, mas já sinalizava para uma reformulação no currículo. Weber (1985) aponta para a necessidade da formulação de um currículo que insira a pesquisa integrada com a formação do profissional, e essa problemática iria além dos cursos de psicologia e sim era uma necessidade de todo ensino superior. A autora criticava os chamados currículos mínimos no curso de Psicologia, pois eram voltados à profissionalização e uma formação com viés estritamente clínico. Contrariando essa perspectiva Demo (2000) nos diz que, para que haja a formação de bons profissionais, a pesquisa deverá ser necessariamente a metodologia utilizada no processo. É através da pesquisa que se busca o questionamento, alimentado pelas dúvidas, hipóteses e superação de paradigmas. É onde há a valorização do questionamento crítico, buscando a superação de fórmulas prontas.

Ao levarmos em consideração as áreas dos cursos, todos estão atrelados à área da saúde. Onde temos trabalhos da Psicologia (n=1), da

Enfermagem (n=1), da Odontologia (n=2) e da Medicina (n=3). Acreditamos que o maior número de artigos do curso da Medicina se deva ao fato dela utilizar os chamados estudos de caso no seu ensino, esta metodologia é fundamentada no chamado Aprendizado Baseado em Problemas (*Problem Based Learning* — *PBL*). “Os programas curriculares de pesquisa científica no curso médico estão presentes em países como Canadá, Estados Unidos e Inglaterra há vários anos” (GUEDES E GUEDES, 2012, P.164). Autores como Demo (2000) afirmam que através da integração da pesquisa ao ensino, onde o aluno poderia unir teoria e prática em seu processo de aprendizagem é fundamental para a formação de profissionais com o perfil crítico e reflexivo.

Um dos artigos de nossa amostra estudou essa relação da aprendizagem por meio de problemas. Soubhia e colaboradores (2005) estudaram o curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. Tal curso passou por cinco reformas curriculares no decorrer de sua criação. A quarta alteração já tinha a intenção de formação mais holística do enfermeiro, pois havia o estímulo a interdisciplinaridade, fusão do ciclo básico com o clínico e mais atuação prática ao campo de trabalho desde os semestres iniciais. E com a quinta alteração, implantaram o chamado currículo integrado, que consistia no fim da divisão por conteúdos e utilização do aprendizado baseado em problemas. Com isso, os pesquisadores decidiram comparar a produção escrita científica<sup>1</sup> de egressos do quarto e quinto currículos. Obtiveram como conclusão que os alunos do currículo integrado tiveram melhores conceitos na produção de seus relatórios, o que os leva a pensar que a reformulação do currículo teve relação com a formação aprimorada que esses alunos obtiveram. “O relatório é uma atividade complexa que requer o desenvolvimento de outras habilidades como: domínio de estratégias de estudo, habilidade de síntese e dedicação” (SOUBHIA et al, 2005, p.272).

Outro exemplo da pesquisa integrada ao ensino vem de uma instituição privada situada na Bahia. No curso de Medicina foi implementado um modelo curricular que introduziu a pesquisa científica como atividade integrante da formação profissional. Desde o primeiro semestre o aluno é envolvido nesta metodologia, os conteúdos das disciplinas são permeados por artigos científicos e ao final do quinto semestre deverá produzir um trabalho de conclusão de curso, antes de ir para o internato. Foi realizado um estudo questionando os alunos sobre assuntos que permeiam a elaboração de trabalho de conclusão de curso. Em uma análise quantitativa, onde os orientadores atribuíram notas para os orientandos, a maioria dos alunos

---

<sup>1</sup>A produção analisada foram os **Relatórios**, são textos produzidos pelos alunos com base no que estudaram nos seus módulos na graduação. Para Soubhia et al (2005) este é um recurso que estimula a análise, argumentação, formação de hipóteses habilidades necessárias à formação do profissional. São produções similares a artigos científicos.

obteve avaliação satisfatória em aspectos que norteavam a capacidade em realizar o projeto, conhecimento da metodologia entre outros. A maioria dos alunos submeteram seus projetos à comitê de ética em pesquisa. Os aspectos negativos foram que a grande maioria não defendeu seu trabalho de conclusão de curso antes do internato, dois foram reprovados e três não tinham defendido o trabalho até o final da pesquisa (GUEDES E GUEDES, 2012).

Na mesma pesquisa, Guedes e Guedes (2012) analisaram qualitativamente as percepções acerca do trabalho de conclusão dos estudantes de medicina da instituição privada da Bahia. Através da metodologia do discurso do sujeito coletivo foram elencados pontos positivos e negativos. Os autores destacam como positivos a satisfação dos alunos em terminar o projeto, a consciência de que é algo trabalhoso, porém importante para a construção do saber. Como ponto negativo abordado pelos alunos elencamos a precocidade da disciplina de estatística, disciplina que precisa de certo amadurecimento dos alunos antes de sua aplicação. De posse deste dado, a instituição reformulou o currículo. O que nos leva a concordar com Pacheco (2005) quando diz que o projeto curricular de uma instituição deve ter o compromisso de relacionar a teoria com a prática. E reconhecer que esse projeto deverá ser progressivamente contextualizado em função do espaço e tempo.

Da nossa amostra, apenas essas duas experiências contam com a pesquisa integrada ao currículo como prática de ensino. Com relação as demais experiências de nossa amostra vemos que as instituições até têm a preocupação de acrescentar o fomento à pesquisa em seus currículos, mas na prática, elas se restringem às atividades extracurriculares em grupos de pesquisa e iniciação científica. Maltagliati e Goldenberg (2011) pesquisaram cursos de odontologia de três instituições de São Paulo buscando situar o lugar da pesquisa nos seus currículos. A pesquisa consistia em análise documental e entrevistas com responsáveis pelo curso. Num primeiro momento fizeram uma construção histórica das instituições no que concerne a implementação de políticas e reestruturações curriculares. Num segundo momento uma análise curricular, através dos conteúdos e o ensino da metodologia do trabalho científico e por fim as perspectivas de mudanças relativas à pesquisa no currículo da odontologia. Como resultado, viram que não se encontram uma metodologia diferenciada para ensino.

“Resguardada a estrutura disciplinar, associada ao tradicional formato transmissivo de ensino, inexistente, entretanto, espaço para modelos problematizadores, fundamentado na participação ativa do aluno envolvendo rearranjos curriculares, compatíveis com a proposta do “ensino pela pesquisa” (MALTAGLIATI E GOLDENBERG, 2011, p. 446).

Diante da impossibilidade do ensino pela pesquisa em muitas instituições, alunos buscam o aprendizado da metodologia da pesquisa em atividades extracurriculares. Dessa vivência, espera-se encontrar em grupos de pesquisa um ambiente onde o aluno da graduação vivencie e experimente na prática a metodologia que envolva a pesquisa, bem como adquira referencial teórico para ampliação de sua capacidade crítica e reflexiva, ou seja, “um caminho que o estudante trilha, adquirindo durante seu percurso os instrumentos exigidos para obter êxito no seu trabalho intelectual” (NOBREGA-THERRIEN; CRUZ; ANDRADE, 2009 p. 96).

Em outro artigo da nossa amostra, Oliveira e colaboradores (2008) verificaram em seis escolas médicas de quatro estados brasileiros, se havia a existência de iniciação científica. Se alunos participavam dessa modalidade e o motivo para que não participassem. Os pesquisadores tinham a consciência de que critérios socioeducativos, culturais e econômicos interferem nessa relação, além da qualificação do docente para tal prática, a organização da estrutura física do curso, a estruturação curricular entre outras. De uma forma geral, o resultado obtido foi satisfatório, pois menos de um terço dos estudantes afirmaram não ter participado de iniciação científica na graduação. E a motivação para a não participação, vai desde falta de interesse em participar (menor frequência), inexistência de pessoal qualificado/motivado (média frequência), a carência de condições físicas e estruturais e por fim, a falta de estímulo da instituição (ambas com maiores frequências de registros por parte dos alunos).

Quando os alunos de graduação têm a oportunidade de participar de grupos de pesquisa, os resultados costumam ser bastante positivos. Como exemplo, citamos um trabalho cujas autoras principais são alunas que participaram de grupos de pesquisa e que relataram como benefícios dessa atuação: a adoção de uma visão ampliada do processo de pesquisa com a inserção em todas as fases do estudo (revisão de literatura, validação dos instrumentos, coleta de dados, elaboração do banco de dados, análise dos resultados e elaboração de trabalhos); o acompanhamento regular das reuniões do grupo para deliberações; além do despertar do espírito crítico-reflexivo (KRAHL et al., 2009). Vimos que embora o estímulo a pesquisa científica esteja presente nas diretrizes curriculares nacionais para a educação superior. Muitas variáveis interferem para que a oferta dessa metodologia seja efetivada no ensino. Sacristán (2000) nos fala que o administrador/político que elaborou o currículo não tem o poder de mudar a prática educativa, que esta



prática é resignificada pelo professor a partir de suas experiências culturais e sociais.

O último estudo da nossa amostra foi realizado por Souza e colaboradores (2012) que analisam os professores que desenvolvem atividades de pesquisa integradas às didáticas no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará. Através de uma pesquisa documental<sup>2</sup> traçaram o perfil desses docentes. O curso de medicina em questão tem como estrutura curricular dois ciclos: básico e profissional. Os docentes do ciclo básico, na sua maioria contam com dedicação exclusiva e possuem formação em áreas diversas à medicina. Já os docentes do ciclo profissional contam com vinte horas de trabalho e tem formação médica. Como resultado encontraram que profissionais não médicos do ciclo básico e com dedicação exclusiva se envolvem mais com pesquisa.

De modo geral, o fato do professor não realizar pesquisa na graduação seja condição necessária para uma má formação dos alunos, ou não formação de um profissional crítico reflexivo. Perrenoud (2002) nos fala que embora a pesquisa seja uma metodologia privilegiada, pois integra teoria e prática, e através dessa metodologia o aluno “[...] adquiriu o direito de não concluir, de não decidir, de proceder metodicamente; em suma, de se libertar dos imperativos da ação imediata” (PERRENOUD, 2002, p.103). Essa metodologia deve ter um viés a formação profissional, não uma cientificidade absoluta. Ou seja, os meios para se fazer a pesquisa contribuem com a formação do profissional, os fins da pesquisa não devem ser privilegiados em detrimento dos meios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse mergulho nas pesquisas efetuadas sobre a temática *integração ensino e pesquisa no currículo da graduação*, vimos que a pesquisa é algo ainda distante da realidade das Instituições de Ensino superior. Normalmente é encontrada no espaço extracurricular, e ainda de modo bem resumido. Vimos que a integração ensino e pesquisa é quase inexistente na graduação, e que a sua utilização nos cursos de graduação requer o interesse do professor, pois se o mesmo não efetua a pesquisa de modo curricular ou extracurricular ela não existirá.

Por fim, destacamos que a base de dados digital por meio do Scielo possibilitou estabelecermos diferentes olhares sobre ensino e pesquisa no tocante à sua presença no currículo dos cursos de graduação, sobretudo na área da saúde, sugerindo demais estudos

---

<sup>2</sup> Documentos fornecidos pela coordenação do curso, o documento do processo de seleção de orientadores da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UECE, diretório de grupos de pesquisa e Currículo Lattes.

acerca da temática que envolvam outros cursos de graduação inclusive no âmbito das publicações em periódicos.

## REFERENCIAS

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

FARIAS, Isabel Maria Sabino; TERRIEN, Jacques; TERRIEN, Silvia Maria Nóbrega; SILVA, Silvina Pimentel. **A docência universitária sob o prisma da integração ensino e pesquisa**. Teresina, PI: EDUFPI, 2014.

FREITAS, Marcos Cezar; BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926 – 1996)**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

GUEDES, Hermila Tavares Vilar; GUEDES, Jorge Carvalho. Avaliação, pelos estudantes, da atividade "Trabalho de Conclusão de Curso" como integralização do eixo curricular de iniciação à pesquisa científica em um curso de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 162-171, jun. 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022012000400003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000400003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000400003>.

KRAHL, Mônica; SOBIESIAK, Eliane Flora; POLETTO, Denise Sain; CASARIN, Rodrigo Guerra; KNOFF, Luciane Apolinário; CARVALHO, Juliana; MOTTA, Liriane Andrade. Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 62, n. 1, p. 145-150, jan./fev. 2009.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, SP, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005. 11692005000200021&lng=en&nrm=iso>. access on 13 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000200021>.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009.

MALTAGLIATI, Luciana Ávila; GOLDENBERG, Paulete. Reforma curricular e pesquisa na graduação em odontologia: uma história em construção. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1329-1340, out.-dez. 2007.

MALTAGLIATI, Luciana Ávila; GOLDENBERG, Paulete. O lugar da pesquisa na reorganização curricular em odontologia: desafios de origem para um debate atual. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 436-447, jun. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902011000200015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000200015&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 12 jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000200015>

MENDES, K.D.S; SILVEIRA, R.C.C.P; GALVAO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a

incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.17, n. 4, p. 758-764, out/dez 2008

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; CRUZ, Helania do Prado; ANDRADE, Laurinete Sales de. O ensino da pesquisa: percepções de alunos de graduação dos cursos da área da saúde. In: NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; ALMEIDA, Maria Irismar; ANDRADE, João Tadeu. **Formação diferenciada: a produção de um Grupo de Pesquisa**. Fortaleza, CE: EdUECE, 2009.

OLIVEIRA, Neilton Araújo de; ALVES, Luiz Anastácio; LUZ, Maurício Roberto. Iniciação científica na graduação: o que diz o estudante de medicina?. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 3, p. 309-314, Sept. 2008. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022008000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000300005&lng=en&nrm=iso)>. access on 11 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300005>.

PACHECO, José Augusto. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SACRISTÁN, Gimeno José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUBHIA, Zeneide; RUFFINO, Márcia Caron; DESSUNTI, Elma Mathias. Relatório de atividade acadêmica como recurso de aprendizagem da pesquisa. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 269-273, Apr. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

SOUZA, Pedro Mansueto Melo; NUNES, Camila Almada; SILVEIRA, Clarice Santiago; NOBREGA-TERRIEN, Silvia Maria. Integração ensino-pesquisa na educação médica: perfil docente de um colegiado. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 14-23, Mar. 2012. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022012000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000100003&lng=en&nrm=iso)>.access on 11 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000100003>.

WEBER, Silke. Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 11-13, 1985. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931985000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931985000200004&lng=en&nrm=iso)>.access on 11 July 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931985000200004>.